

Jesus já existia... eternamente

Nestes tempos pós modernos ou, como prefere o filósofo Zygmunt Bauman, de *modernidade líquida*, não há verdades absolutas; tudo é relativo; o que é verdade, hoje, pode não o ser amanhã; o que é certo numa região, pode não o ser numa outra região. Quanto às religiões, cada um escolhe a sua; todas são válidas... ou nenhuma delas tem valor algum. Entretanto, nós cristãos não pensamos assim. Cremos em Deus, e em sua Palavra revelada, as Escrituras Sagradas, não como sendo a Bíblia dos cristãos (como se houvesse outras tão válidas quanto), mas como Palavra de Deus para humanidade. Afirmamos que "Jesus Cristo é o caminho, a verdade e a vida". Sabemos, contudo, que essas nossas declarações de fé são mais que ofensivas aos não cristãos; soam altamente presunçosas. Que fazer?

O já falecido John Stott, que por muitos anos pastoreou a famosa Abadia de Westminster, em Londres, frequentada pela Rainha Elisabeth, escreveu:

«O que as pessoas querem é um sincretismo fácil, uma trégua para a competição inter-religiosa, uma mistura do que há de melhor em todas as religiões. Mas nós, cristãos, não podemos abrir mão, nem da supremacia, nem da unicidade de Jesus Cristo. Simplesmente não existe ninguém que seja igual a ele; sua encarnação, sua redenção e ressurreição não têm paralelos. Portanto, ele é o Mediador — aliás, o único — entre Deus e a raça humana. Esta afirmação da exclusividade de Jesus tem produzido ressentimentos amargos e profundos. Muitos a consideram 'intoleravelmente intolerante'. Mas, por amor à verdade, nós temos que mantê-la, por mais ofensa que possa causar.»

Há também a chamada "*busca do Jesus histórico*", estudos avançados sobre a historicidade de Jesus de Nazaré e de tudo o os evangelhos afirmam que ele disse e fez. Os teólogos desta escola teológica dissecam as Escrituras, tratam-na como qualquer outro livro milenar sujeito aos métodos científicos de validação e autenticação. Se creem de algum modo na inspiração das Sagradas Escrituras ou de parte delas, não fazem esta confissão que, entre outras, fazemos quando nos convertemos a Cristo e nos submetemos ao batismo cristão:

"Creio que as Escrituras do Velho e do Novo Testamento são a Palavra de Deus, nossa única e infalível regra de fé e prática."

A fim de escrever a trilogia NINGUÉM COMO JESUS, eu li inúmeros livros sobre Jesus, alguns mais antigos, que nem existem em português, e outros mais recentes. Li inclusive "JESUS DE NAZARÉ", escrito por Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI, em 2009. Ele comenta os estudos acadêmicos da linha "*busca do Jesus histórico*":

"A explicação da Bíblia pode tornar-se um instrumento do Anticristo [...]. De aparentes resultados da exegese científica se entreteceram os piores livros que destruíram a figura de Jesus, que desmontaram a fé. Hoje a Bíblia é cada vez mais submetida ao critério da assim chamada visão moderna do mundo [...] [onde] tudo o que diz respeito a Deus deve ser relegado para o domínio do subjetivo. [...]. E o Anticristo nos diz, com os gestos da mais elevada

cientificidade, que uma exegese que lê a Bíblia na fé no Deus vivo e que aí o procura e escuta, é fundamentalismo [...].”

Hatzinger, contudo, não despreza a pesquisa histórica-crítica e a ajuda da exegese científica, mas fixa-lhes os limites. Introduzindo seu livro “JESUS DE NAZARÉ”, ele afirma:

“... eu confio nos evangelhos [...]. Tanto quanto me foi possível, eu tentei representar o Jesus dos Evangelhos como o Jesus real, como o ‘Jesus histórico’”.

Como cristãos bíblicos, acreditamos piamente nas histórias bíblicas, inclusive as histórias do nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus. Nem todos as conhecem da forma como estão narradas nos evangelhos. Então, nestes domingos de dezembro, vamos rever pelo menos, e muito resumidamente, as histórias do nascimento de Jesus, as histórias do Primeiro Natal.

Vamos começar com o chamado Prólogo de João, os primeiros versículos do evangelho de João, o mais teológico dos 4 evangelhos (Jo 1.1-14).

Basicamente, o que João diz nestes versículos é que **Jesus já existia antes de nascer**, antes do primeiro Natal. De quem mais se pode dizer isto? Todos tivemos um começo. Às vezes pensamos que foi naquele momento mágico da nossa concepção. Entretanto, é mais comum dizer que começamos a existir num outro momento, igualmente mágico e lindo, o do nosso nascimento.

Com Jesus não foi assim. Ele foi concebido, sim, e nasceu exatos nove meses depois, mas isto não foi começo para ele... A Bíblia ensina e os cristãos crêem que Jesus sempre existiu, até porque ele é Deus, o Deus Filho, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade.

Certamente isto não é novidade para os que conhecem a Bíblia. Todavia, celebrando o Natal, o nascimento do menino Jesus, tendemos a pensar que tudo começou ali... na manjedoura ou mesmo quando Maria ficou grávida de Jesus. Mas é da máxima importância teológica, doutrinária e prática lembrar que Jesus sempre existiu. Ele é tão divino e eterno como o Deus Pai e o Deus Espírito Santo. Voltemos ao prólogo de João.

Jesus se encarnou

João não deixa dúvidas sobre a pré-existência, eternidade e divindade de Jesus:

1. *“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o verbo era Deus...”* A expressão *“No princípio...”*, lembra Gn 1.1 *“No princípio, criou Deus os céus e a terra...”* “Verbo”, no grego é “logos”, que significa “palavra”, a expressão de Deus. Daí a Nova Versão Transformadora (NVT): *“No princípio, aquele que é a Palavra já existia [...]”* Nos versículos seguintes, João identifica o Verbo, essa Palavra, com Jesus... Ele estava com Deus no princípio.
2. *“Todas as coisas foram feitas por intermédio dele. E sem ele, nada do que foi feito se fez [...]”* (João 1.1-3, RA). A NVT traduz: *“Por meio dele, Deus criou todas as coisas, e sem ele nada foi criado”*. Paulo diz isto mesmo: *“[...] O Filho é a imagem do Deus invisível e é supremo sobre toda a criação. Pois, por meio dele, todas as coisas foram criadas... Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele existia antes de todas as coisas e mantém tudo em harmonia”* (Colossenses 1.15-17). E também

o autor da carta aos Hebreus: “[...] Deus falou várias vezes e de diversas maneiras a nossos antepassados por meio dos profetas. E agora, nestes últimos dias, ele nos falou por meio do Filho [...] por meio de quem criou o universo [...]” (Hebreus 1.1-3).

3. “A vida estava nele e a vida era a luz dos homens” (vs.4-5) . A vida, não somente o oposto da morte, mas também o oposto do pecado que mata espiritualmente. A verdadeira vida, a chamada *vida eterna*, a existência em comunhão com Deus, que só é possível pela fé em Cristo. Por isso, o mesmo João escreveu o conhecido versículo: “Deus amou o mundo de tal maneira...” (Jo 3.16). E mais à frente no v. 36: “... quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus”
4. Mas então, no prólogo de João, vem uma nota triste: “O Verbo estava no mundo... mas o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam [...]” (João 1.10-11).
 - Veio porque já existia em algum lugar ou mesmo em todos os lugares, como Deus.
 - Veio para o que era seu, e os seus não o receberam”, ou como lemos na NVT: “Veio a seu próprio povo, e eles o rejeitaram”
 - Veio para cumprir uma missão, veio “*buscar e salvar os perdidos*” (Lc 19.9) e, então, reconciliá-los com o Pai. o apóstolo Paulo escreveu: “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (II Co 5.19)
5. Depois da nota triste, “os seus não o receberam”, João tem uma nota para lá de alegre: “Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de ser feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” (vs. 12-13). Na NVT: “Mas, a todos que creram nele e o aceitaram, ele deu o direito de se tornarem filhos de Deus. Eles não nasceram segundo a ordem natural, nem como resultado da paixão ou da vontade humana, mas nasceram de Deus”. Certamente esta é um referência antecipada a obra regenerador do Espírito Santo!
6. João conclui: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (João 1.14). Significa que Jesus assumiu a natureza humana, um corpo físico. O citado apóstolo Paulo também escreveu que Jesus tornou-se “*semelhante aos homens*” e foi “*encontrado em forma humana*” (Filipenses 2.7-8). Um dos nomes de Jesus, como veremos noutra mensagem, é *Emanuel*, que quer dizer “Deus conosco” (Mt 1. 23).

Ele veio do Pai

Falando ainda da preexistência de Jesus, é importante lembrar o que ele próprio disse aos seus discípulos, na véspera de sua crucificação: “Vim do Pai e entrei no mundo; todavia, deixo o mundo e vou para o Pai” (João 16.28). Depois, orou, dizendo: “E

agora, Pai, glorifica-me junto a ti, com a glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse". Mais à frente, nesta mesma oração, antevendo seu retorno à glória plena dos céus, Jesus disse: *"Pai, quero que os que me deste estejam comigo onde eu estou e vejam a minha glória, a glória que me deste porque me amaste antes da criação do mundo"* (João 17.5,24).¹

Estas verdades bíblicas têm grande importância teológica. Certamente, não as compreendemos plenamente. E, claro, não podemos prová-las cientificamente! Entretanto, a fé não exclui a razão, mas inclui verdades ou revelações que a razão não explica! Faça as seguintes aplicações finais:

1. **Jesus é o Deus Filho e possui todos os atributos do Deus Pai.** A Bíblia Inglesa moderna traduz Jo 1.1 assim: *"Desde o principio, quando Deus era, o Verbo também era; onde Deus estava, o Verbo estava com ele; o que Deus era, o Verbo era também."* Jesus afirmou sua divindade de todas as maneiras: *"O Pai e eu somos um"* (Jo 10 30). *"Se vocês creem em mim, não creem apenas em mim, mas também naquele que me enviou. Pois quando veem a mim, veem aquele que me enviou"* (Jo 12.44-45).

2. **Ao contrário do que preceitua a "modernidade líquida", Jesus não é "líquido", não escorre, não se esvai com o tempo, é estável e confiável... sempre.** Como escreveu o autor da carta aos Hebreus: *"Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre"* (Hb 13.8). E também: *"Havia muitos sacerdotes [no AT] pois a morte os impedia de continuar a desempenhar suas funções. Mas, visto que ele [Jesus Cristo] vive para sempre, seu sacerdócio é permanente. Portanto, ele é capaz de salvar de uma vez por todas aqueles se se aproximam de Deus por meio dele. Ele vive sempre para interceder em favor deles. É de um Sumo Sacerdote como este que necessitamos..."* (Hb 7.23-26). Jesus, em sua eterna existência intercede por nós, por mim, por você, sempre! Interceda e ajude: *"E era necessário que Jesus fosse como nós... Pois visto que ele próprio agora já passou pelo sofrimento e pela tentação, quando sofrermos e somos tentados, ele sabe como é isso, e assim é maravilhosamente capaz de nos ajudar"* (Hb 2.16-18, Bíblia Viva).

Pr. Éber Lenz César, Igreja Presbiteriana Libertas, Copacabana, Rio de Janeiro, RJ, 12/2017.

¹ Outras passagens bíblicas que direta ou indiretamente ensinam a preexistência de Cristo: Isaías 9.6; Miquéias 5.2; João 6.38, 62; 8. 38,42, 58; Apocalipse 1.8; 13.8.